



Cartografias urbanas: lugares, espaços e fluxos comunicativos

Regina Helena Alves da Silva

Introdução

Este texto busca discutir teoricamente algumas questões levantadas pelo projeto de pesquisa Cartografias Urbanas que procura desenvolver uma metodologia para pesquisas em áreas urbanas. Uma das questões principais apontadas pelo grupo, que tem estudado espaços móveis de sociabilidade na cidade e na internet, conformação de espaços públicos na cidade e na internet, diálogos públicos da rua, processos de revitalização urbana, patrimonialização de espaços da cidade, identidades e memória urbana, é a discussão do que estamos chamando de uma *comunicação urbana*.

Recolhemos para a nossa análise os registros de formas de comunicação que acontecem no Centro da cidade de Belo Horizonte e que são expressão deste fenômeno. Nossos esforços se farão no sentido de compreender os atores, processos, diversidades e fluxos envolvidos nesta dinâmica de antagonismos e negociações das redes comunicativas na malha urbana.

Entender como determinados espaços vão se constituindo em lugares do diálogo a partir de práticas comunicativas passa pela decodificação de espaços quase que invisibilizados para a maioria das pessoas. Como o espaço é múltiplo e está em constante movimento, a captura de significados só é possível a partir da compreensão de que o espaço urbano em questão, a rua, não é usado apenas para a circulação. Existe a possibilidade de transformação destes espaços de fluxos em espaços apropriados pelos seus usuários, desta maneira os espaços de circulação da cidade se tornam espaços públicos de sociabilidade.

O trabalho de cartografar os sentidos atribuídos pelos sujeitos aos espaços da cidade nos demonstrou que as transformações decorrentes da compressão dos tempos e espaços contemporâneos tornou uma grande parte de nossas representações do espaço obsoletas. Não se trata de pensar os sujeitos perderam o sentido, ou se desterritorializaram no sentido de não terem mais referências no espaço físico que ocupam, ou que elas estão perdidas, invisibilizadas na/pela multidão. Trata-se de saber que as representações da cidade contemporâneas são mutáveis a cada instante e que os mapas contemporâneos são instantâneos espaço-temporais, que não podem ter a fixidez como característica. Os mapas deveriam representar, ou melhor, dizendo, se relacionar com a cidade constituída por redes múltiplas. O espaço urbano, além de ser constituído por vias e edifícios, é atravessado por redes que não estão ali o tempo todo, elas se materializam no espaço cotidiano da cidade quando são acionadas pelos sujeitos e se desfazem passando a existir como virtualidade ou potência, quando não estão em uso.

Cartografia de sentidos - uma metodologia de abordagem da rua

Belo Horizonte, metrópole contemporânea com seus 2,4 milhões de habitantes, é abordada neste estudo a partir das idéias de autores que tratam o espaço, atentando para o processo de seu uso e apropriação por parte dos indivíduos e também tendo como referência estudiosos que abordam os movimentos de desterritorialização e re-territorialização do espaço urbano engendrados pelos seus habitantes. Nestas abordagens, os processos de significação do espaço que acontecem a partir da interação social são fundamentais, pois é através deles que podemos ver como uma parte vital da cidade é construída: os espaços públicos compartilhados no cotidiano.

O espaço escolhido inicialmente para o desenvolvimento da coleta de dados para a pesquisa foi o chamado Hipercentro¹ de Belo Horizonte que é um ponto privilegiado para a expressão da heterogeneidade que caracteriza a cidade. É

¹ O Hipercentro está localizado na Região Centro Sul da cidade de BH e corresponde a uma unidade de planejamento municipal.

nesse espaço que as pessoas dos mais diferentes e distantes bairros podem se encontrar e desenvolver atividades políticas, artísticas e culturais. Além disso, a área central de Belo Horizonte cada vez mais é representada como um lugar de passagem. As pessoas “descem” para a cidade – o Centro – para fazer compras, ou passam pela região apenas como um ponto do caminho para outros lugares. Poucos são aqueles que passeiam pelo Centro ou caminham nesta região dando maior atenção às suas características e particularidades. A sua dimensão como espaço público, de encontro, convívio social tem passado despercebida daqueles que pensam a cidade e principalmente daqueles que projetam e implementam políticas públicas.

A metodologia proposta pelo projeto Cartografias Urbanas distingue territórios preexistentes, reconhece e registra formas, coordena e assegura a viagem entre os diversos caminhos possíveis de se percorrer. Possibilita acompanhar os movimentos, perceber entre sons, imagens e textos a composição e decomposição dos territórios, e também as maneiras pelas quais se criam novas interpretações das mesmas paisagens. A cidade passa a ser abordada como um espaço de comunicação, de produção de “mensagens” que marcam muros, portões, fachadas, postes, ruas; e/ou como lugar instituidor de trajetos; e/ou, como um lugar de muitos ruídos, espaço polifônico; e/ou, como um conjunto de citações que dizem dos habitantes da cidade.

Temos então uma interação entre a topologia do espaço, os trajetos desenhados pelo percurso dos usuários da cidade e os signos que vão sendo inscritos nos suportes urbanos. Pensamos assim em uma escrita da cidade enquanto um conjunto de textos que atuam na vida dos cidadãos e participa da constituição de um “diálogo público” onde o espaço físico é significado a partir da ação de sujeitos de diferentes “lugares” e de variadas práticas. Como essas práticas são relacionais sua interpretação depende do contexto no qual se inscrevem. São orientadas segundo a localização ao mesmo tempo em que esses lugares

modificam o sentido das práticas, eles são simultaneamente transformados por ela.

Durante a pesquisa o hipercentro da cidade apareceu enquanto lugar público que comporta toda sorte de atores individuais e coletivos, usos territoriais institucionalizados e cotidianamente configurados, memórias e discursividades diversas, sentidos atribuídos e construídos, experiências e experimentações, apropriações simbólicas e concretas. E que, também, simultaneamente, comporta uma rede complexa e intensa de relações sociais – antagônicas, complementares, paralelas, convergentes, consensuais, conflitantes; refletindo diferentes padrões de diálogo e negociação.

Observar e percorrer traços dessa rede foram uma tentativa de compreender esse lugar como um território conformado dialeticamente por dimensões espaciais e dimensões culturais. Um lugar que transcende sua estrutura física, suportando também um emaranhado de significados em fluxo. Nesse sentido, essa rede configura-se como – mesmo em seus contextos mais simbólicos – um conjunto dinâmico e multiplicador de realidades concretas. São práticas e representações sociais que são (re)significadas à medida que interagem com esses espaços e todas as suas combinações.

No momento em que o hipercentro de BH passa por intervenções, requalificações e revitalizações o projeto buscou outras possibilidades de pesquisa da memória social e urbana. Foi proposta uma abordagem que conduz a um encontro de especial subjetividade com a cidade: olhá-la como cidade vivida, interiorizada e projetada por grupos sociais que a habitam e com suas relações de uso que não só a percorrem como também interferem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os. A cidade percorrida como um mapa pode ser um acúmulo de objetos, monumentos, ruas, painéis de escrita, textos oficiais, passagens, sons, imagens que se transformam e ensinam através da experiência.

Buscamos a pluralidade de sentidos produzidos e em produção na região do hipercentro. Interessou-nos, sobretudo aqueles à margem dos processos culturais, sociais e políticos hegemônicos e que são na maioria das vezes desconsiderados por serem banais e fragmentados. A diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam neste local provoca nos sujeitos muitas vezes indiferença ou incômodo. As operações de intervenção neste espaço, por parte daqueles que detêm o poder de viabilizá-las, freqüentemente têm como consequência o apagamento destas expressões ou a diminuição desta diversidade, mesmo quando isto não está explicitado como objetivo. Estes apagamentos buscam muitas vezes o embelezamento, a harmonização e a limpeza do espaço público e são realizados a partir do olhar dos responsáveis pela sua manutenção, sem que o conteúdo destas expressões seja levado em consideração. O objetivo deste trabalho é realizar uma operação oposta e levar em consideração estes sinais como expressões da diversidade que mantém vivo este espaço. Para tanto, foram estudados como gestos significativos que constituem em sua fugacidade expressões comunicativas dos que usam e se apropriam do espaço dos centros urbanos.

O ponto de partida para a pesquisa empírica foi uma apropriação da metodologia de derivas usada pelos situacionistas². No decorrer do trabalho, esta ferramenta foi reconfigurada e adaptada aos objetivos do projeto, já que o nosso caminhar pela cidade tinha rumos definidos por reflexões realizadas pelo grupo interdisciplinar formado para realizar a pesquisa empírica. A partir do mapa oficial,

² Os situacionistas tinham uma tese central de que através da construção de situações chegaríamos a transformação revolucionária do cotidiano, e a psicogeografia, em conjunto com as derivas, eram uma tentativa de se construir uma metodologia desalienante, para chegar a esta revolução cultural. “Para tentar chegar a essa construção total de um ambiente, os situacionistas criaram um procedimento, ou método, a psicogeografia, e uma prática, ou técnica, a deriva, que estavam diretamente relacionados. A psicogeografia foi definida como um ‘estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos’. E a deriva era vista como um ‘modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.’ (...) A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através do andar sem rumo.” (JACQUES, 2003, 22).

o Centro da cidade foi dividido em nove zonas de visita, para que cada zona fosse percorrida e cartografada em um dia. Denominamos o percurso realizado em cada uma das zonas de visita de deriva. Com o tempo estas zonas foram sendo redivididas e percorridas em um ou dois dias, por uma equipe de vários pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento. A divisão foi pensada a partir da localização das entradas e saídas do Centro, como os pontos de ônibus, as estações de metrô, a rodoviária, as pontes e viadutos e as grandes vias de acesso. Dessa forma entendemos que percorreríamos o local observando os deslocamentos e os usos atribuídos pelas pessoas que o vivenciam cotidianamente: a ida ao trabalho, ao lazer, ao estudo, ao outro ponto de ônibus, aos serviços da cidade, às lojas, a casa. As impressões de cada pesquisador eram coletadas em cadernos de campo e levadas para discussões em grupo. As nossas derivas foram realizadas paralelamente às discussões e foram fundamentais para o desenvolvimento das reflexões.

O objetivo foi captar os sentidos que as pessoas imprimiam ao espaço público³ ao se apropriar dele para seus múltiplos usos, independente da sua institucionalidade ou da sua marginalidade. Encontramos uma cidade onde a diversidade cultural e as diferenças sócio-econômicas são comunicadas e tensionadas em uma profusão de mensagens. Elas podem ser expressões de grande mídia, como a publicidade nos outdoors, nas paredes dos prédios, nos pontos de ônibus, nas páginas dos jornais, nos painéis eletrônicos, ou apropriações de todos estes elementos. Podem constituir ainda fenômenos comunicativos diversos, como as pichações nos muros, uma conversa com o engraxate de sapato, um rabisco dentro do ônibus, uma intervenção artística, uma manifestação política, uma feira, um ponto de encontro, uma festa popular, uma comunidade virtual, etc. Essa pluralidade que emerge da dinâmica da vida cotidiana se materializa no espaço urbano sob a forma de fronteiras físicas e simbólicas, constituindo redes e articulações coletivas e/ ou compartilhadas que movimentam a cidade.

³ Espaço público aqui é definido como o espaço de uso comum e compartilhado. No caso desta pesquisa, são as ruas e praças do Centro.

Devemos ressaltar que esse movimento característico dos espaços urbanos contemporâneos tem dinâmica multidimensional, potencializadora da diversidade e atravessada por contradições significativas entre o todo e a parte, o global e o local, o público e o privado. Contradições que são construídas em função dos arranjos e negociações que vão se estabelecendo no processo de usar este espaço em comum que é a rua de uma grande cidade.

O espaço, sem dúvida, é testemunha e veículo desta dinâmica. Nele são travados combates, estão cicatrizes de lutas, erguem-se monumentos ao novo tempo e através de seus signos há a realização simbólica [e material] daquilo que comumente se concebe como 'vida moderna'. Em síntese, no espaço estão os signos da permanência e da mudança, e são vividos os ritos da ordem e caos, da disciplinarização e dos desregramentos. Seus múltiplos sentidos são vivenciados, a cada instante, nos mais diferentes lugares do planeta. (HAESBAERT, 2002, 81).

A cidade é um espaço polifônico, “que se comunica com vozes diversas e todas co-presentes” (CANEVACCI, 1993; 15), porque é viva, dinâmica e, desde sua concepção inicial, um espaço público privilegiado, onde os sujeitos estão em (des)encontro constante, a estabelecer potências de sociabilidade, modificando as possibilidades de comunicação e interação vivenciadas no cotidiano. A rua é o espaço público, o espaço comum, de acesso irrestrito e convivência de diversidades, que se estende do compartilhado ao coletivo e onde se materializam conflitos, disputas, e negociações. É o espaço da luta política, da luta pela apropriação, dos usos e ocupações, dos vínculos afetivos, das táticas que vão se delineando ao longo da história, produzindo práticas e discursos que integram a dinâmica social e seus processos de reprodução, transformação e manutenção. Um espaço privilegiado para a legitimação e circulação de saberes e sentidos, tanto quanto para a constituição identitária e subjetiva – individual e coletiva. É, ao mesmo tempo, um espaço de pretensões universais, que, ao menos em definição, garante acesso e participação igualitários a todos.

Compreender as representações do espaço é atingir as razões que impulsionam os homens a uma forma de vida partilhada e coletiva, onde os processos de percepção não se deixam entender de imediato, porque ultrapassam a lógica linear e causal das estruturas funcionais. Ao contrário, estas representações são muitas vezes irracionais, espontâneas e próximas do caos e não se deixam apreender nos programas agenciados de modo calculado. (FERRARA, 2002, 97).

Assim, quando se tem em mente discutir a rua do Centro de Belo Horizonte e as dinâmicas que nela têm lugar, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade, marcada, por um lado, pela natureza do objeto que se tem em mãos e, por outro, pelo desafio lançado pela proposta deste estudo. Mergulhamos no cotidiano da cidade e para estudar seus produtos, fluxos e apropriações nem sempre visíveis, mas que, contudo animam e reconfiguram a sua imagem imediata ou institucionalizada.

Uma Comunicação Urbana?

Pensar a comunicação urbana em uma cidade que esta em um momento de mudança veloz de significações. Para Lefebvre (2001) a cidade se transforma quando muda a sociedade de forma global. Em sua trajetória histórica, a cidade passou por várias transformações que se inscreveram no tempo e no espaço através de atos e agentes sociais. Estes a marcaram e fizeram as relações de produção e propriedade e por conseqüência “as relações entre as classes e as relações de lutas de classe, portanto as ideologias (religiosas, filosóficas, isto é, ética e estética, jurídicas, etc)”. (LEFEBVRE, 2001, p. 55).

A cidade, entretanto, não está submissa às transformações globais sociais ou às suas modificações, ela depende também das relações imediatas, das relações entre as pessoas e entre os grupos da sociedade. Ela está na mediação daquilo que Lefebvre chamou de ordem próxima e ordem distante, ou seja,

Ordem próxima (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a ordem distante, a ordem da sociedade, regulada por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código

jurídico formalizado ou não por uma “cultura” e por conjuntos significantes. (Lefebvre, 2001, p. 46).

Como mediação, a cidade contém e está contida neste sistema, ela contém a ordem distante, ou seja, mantém as relações de produção e propriedade. E contida na ordem próxima ela se projeta sobre um plano, o cotidiano.

É neste sentido que a proposta que conduz esta pesquisa foi estudar a cidade através de uma perspectiva comunicacional que permita trabalhar os processos de significação da cidade, este composto de territórios múltiplos, que abriga simultaneamente diversas formas de habitar o espaço e viver o tempo. Esta multiplicidade de temporalidades e espacialidades distintas e simultâneas, na maioria das vezes é invisível, ou melhor, é invisibilizada pelos processos hegemônicos de regulação e administração da cidade.

Para Milton Santos, a cidade é o lugar onde o mundo e os homens se movem mais. Além dos espaços diferenciados que se opõem e resistem aos espaços funcionalizados, na cidade se dá o tempo dos homens - a temporalização prática, que é o movimento do mundo dentro de cada um, interpretação do tempo realizada por cada grupo, classe social, indivíduo. Na grande cidade, estas temporalidades assinalam uma resistência ao tempo hegemônico, globalizado. Na metrópole, diz Santos, a força dos fracos é seu tempo lento. É no cotidiano, que estes usos diferenciados do tempo e do espaço se exercem.

A vertigem da velocidade, muitas vezes elogiada, nos faz ver pouco do mundo. A comunhão com imagens pré-fabricadas pode ser nossa perdição. Os homens lentos para quem estas imagens são miragens escapam mais à fabulação, segundo Santos:

Para os migrantes e para os pobres de um modo geral, o espaço inorgânico é um aliado da ação, a começar pela ação de pensar, enquanto a classe média e os ricos são envolvidos pelas próprias teias que, para o seu conforto, ajudaram a tecer: as teias de uma racionalidade invasora de todos os arcanos da vida, essas regulamentações, esses caminhos marcados que empobreceram e eliminam a orientação ao futuro. Por isso, os “espaços luminosos” da metrópole, espaços da racionalidade, é que são os espaços opacos. (SANTOS, 1996, 85)

A lentidão seria, no entender do autor, uma das formas de proporcionar aos homens comuns diferentes possibilidades de viver o espaço da cidade e torná-lo habitável.

A lentidão frente ao fluxo veloz e o jogo entre opacidade e luminosidade apontam para a complexidade do processo que pretendemos examinar. Se para quem transita de carro nas ruas de uma grande cidade, ela é apenas fluxo veloz e luminosidade, o olhar de quem caminha nas ruas pode enxergar uma experiência que resiste e que demora. Ao tornar-se lenta, ela reinventa o espaço. Em meio ao fluxo os homens criam pontos de encontro e troca. Os espaços, que pertencem à organização funcional da cidade, mas que também resistem a ela, são atravessados por relações de comunicação. As diferentes formas de viver e se comunicar na cidade se constituem a partir de relações complexas e contribuem para a percepção espacial e temporal da cidade e para constituição de modos diversos de usar as ruas. Estudar as relações comunicativas em pontos onde as pessoas param na cidade é o objetivo deste trabalho: compreender estas práticas comunicativas é compreender também a ocupação dos espaços e a construção de temporalidades distintas que elas conformam.

A cidade de múltiplas espacialidades e temporalidades de que falava Santos constitui-se no embate, nas trocas que se processam em seu território. A percepção que seus habitantes têm dela variam e se transformam de acordo com as experiências no seu tempo e no seu espaço. Esta percepção, no entanto, não é individualizada, ela forma-se e transforma-se continuamente a partir do encontro

com o outro com quem se divide o espaço, seja ele conhecido ou anônimo. Uma parte significativa da cidade, de seu espaço público, a rua, constitui-se a partir das visões que os indivíduos constroem no seu cotidiano, ao caminharem por suas ruas, realizar encontros (e desencontros), defrontarem-se com as regras de usos do espaço, com as suas necessidades e preferências. Tudo isso vai sendo inscrito nos corpos - da cidade (nas edificações e na memória) e dos homens que a habitam.

Assim os territórios, ou os lugares da cidade, vão sendo construídos a partir das percepções e trocas comunicativas entre os diversos atores que a habitam, já habitaram e dos que mantêm relações com eles. Ricoeur propõe uma leitura dos objetos das ciências humanas a partir do paradigma do texto. A cidade talvez possa ser abordada como um objeto a ser lido à maneira de um texto e as ações de significação dos seus lugares podem ser compreendidas como enunciações.

Certeau, quando propõe uma diferenciação entre espaço e lugar, fala sobre as práticas que moldam o espaço como “enunciações pedestres”. Para ele:

o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem como efeito uma tríplice função enunciativa: é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, contratos pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é ‘alocução’, ‘coloca o outro em face do locutor’ e põe em jogo o contrato entre co-locutores. (Certeau, 1994, p. 177)

O uso do paradigma textual para compreender as ações no espaço da cidade pode ser útil naquilo em que o discurso em sua fluidez é uma atualização permanente do sistema da língua. O discurso é um acontecimento de linguagem, diz Ricoeur. Assim como as ações dos homens atualizam permanentemente os lugares da cidade transformando-a. Ao fixar o discurso na escrita, estamos

sempre perdendo ou transformando algo que diz respeito algo de sua força performativa. Existe algo do discurso que se perde em sua fixação. O mesmo pode se dizer das “enunciações” daqueles que caminham na cidade. Ao tentar fixá-las, alguma coisa que é própria do seu movimento incessante escapa.

No entanto, algumas das características do discurso fornecem analogias úteis para o estudo proposto. Assim como o discurso é a palavra do locutor dirigida para o seu interlocutor, mesmo que abstrato, as ações de significação do espaço na cidade são realizadas em relação ao outro ou outros com os quais se compartilha aquele espaço. Da mesma maneira que o discurso se autonomiza relativamente de seu autor no momento da interpretação por aquele que o recebe, as ações de uso espaço público da cidade tornam-se significativas a partir da sua dimensão coletiva. A relação permanente dos discursos com os tempos de seu acontecimento e com as temporalidades que ele evoca assemelha-se à relação de apropriação dos lugares. Num lugar apropriado, ou significado, múltiplas temporalidades estão relacionadas, aquelas que estão presentes, marcadas por monumentos e edificação e aquelas ausentes que assombram as memórias dos indivíduos. Uma outra dimensão que se faz útil nesta analogia, cidade-discurso é a dimensão dialogal que nos permite enxergar os processos de uso da cidade em uma imensa rede comunicativa, que relaciona escritas múltiplas e sentidos variados, expressão da diversidade que é a marca do urbano contemporâneo.

Aqui nossa intenção é enxergar a cidade como um imenso texto polifônico, de autorias variadas e conflitantes. O objetivo não é decifrar deste texto, mas compreender o processo de sua constituição. Do ponto de vista do olhar da comunicação, podemos dizer o texto polifônico da cidade é produzido a partir de atos de linguagem que resultam de relações comunicativas. Dele são autores todos aqueles que vivem ou viveram na cidade. No entanto, algumas autorias são mais incisivas e visíveis do que as outras como, por exemplo, aquelas dos governantes, dos urbanistas, dos publicitários, dos cronistas. Do excesso de visibilidade da publicidade, dos monumentos, das intervenções do poder público e

dos urbanistas resulta uma percepção, que não é falsa, mas talvez seja parcial, de que a cidade contemporânea é um monstro que devora as expressões singulares, isola e confina os indivíduos na sua monumentalidade. Observada deste ponto de vista, a cidade configura-se como texto acessível apenas a quem detem o poder político, econômico ou técnico. Aos homens que vivem seu cotidiano restaria a opção de decodificar, deixar-se impressionar e conduzir-se entre regras e edifícios.

Outra impressão que se tem a partir deste exercício do olhar é que uma cidade como a Belo Horizonte contemporânea é edificada apenas para a passagem dos veículos automotores, as fachadas dos prédios são pintadas e sinalizadas para chamar a atenção de quem trafega motorizado e os anúncios monumentais são colocados no alto e suas dimensões são cada vez maiores, dando a sensação de inacessibilidade. Esta pode ser a cidade videoclip,⁴ apontada por Canclini, que se desenrola diante dos nossos olhos através de fragmentos de quadros, sem que haja tempo ou condição de sintetizá-las. A presença dos automóveis parece ser decisiva para o desenho contemporâneo da cidade. Atravessa-se a metrópole dentro de aparelhos motorizados como carros, ônibus e trens. A visão é enquadrada pela janela, a distância e a velocidade produzem o videoclip: o desfilar de quadros ininterruptos, embaladas por uma trilha sonora, ora escolhidas pelos indivíduos, ou fornecida pela orquestração própria da metrópole. Uma leitura da cidade feita a partir deste ponto de vista produz igualmente uma sensação de inacessibilidade. Resta ao indivíduo de dentro do veículo apenas tentar observar, decifrar. Os caminhos do automóvel, do ônibus e do trem no hipercentro estão previamente traçados e disciplinados. A sensação de mobilidade e liberdade dada pelos aparatos motorizados há muito se provou ilusória. Nos coletivos quando se tem sorte enxerga-se a cidade enquadrada pela janela do ônibus. Na maioria das vezes, viajando no horário do rush, vemos as costas do passageiro da frente. O potencial de deslocamento prometido pela tecnologia é

⁴ Canclini propõe a imagem de cidade videoclip, a partir da visão fragmentada de quem viaja por uma grande metrópole como a Cidade do México de carro ou de ônibus.

refreado pelo volume de outros carros com os quais se disputa o espaço. A liberdade que o automóvel promete é contida pela regulamentação da rua: não pode virar à esquerda, não pode virar à direita, mão única, não pode parar. Atenção. Pare. Siga. Os corpos devem-se disciplinar e acomodar-se nos assentos, o olhar deve dirigir-se para os luminosos, para as lanternas do carro da frente. A cidade é vista com os cantos dos olhos. Não se espera resposta, o texto da cidade motorizada é unidirecional.

Um aprofundamento do exercício de olhar para a cidade em comunicação abre o foco para o cotidiano de lugares específicos, onde, de forma modesta, as relações comunicativas entre os sujeitos ordinários modificam continuamente o texto da cidade. Menos visível que as outras, as inscrições dos homens e mulheres comuns flutuam nas ruas e dialogam com aqueles mais visíveis. Tornam a cidade um texto instável, atualizado permanentemente. O olhar que se dirige para o trânsito, para as ruas, para os edifícios e letreiros é diferente. Um outro ponto de vista que constitui uma relação diversa com a cidade monumental, com a cidade videoclip. Para os passantes do hipercentro o tempo é mais lento e, apesar da pressa de todos, os homens não estão motorizados. Eles estão imersos no frenesi da metrópole, porém o ritmo próprio do passante das ruas vai mostrando aos poucos uma outra face da cidade, que não nega a cidade monumental e a cidade videoclip, mas dialoga, resiste e às vezes desafia ambas. Nela é possível visualizar arranjos temporais e espaciais distintos, nem sempre evidentes ao primeiro olhar. Mas eles estão lá e são expressão da diversidade que caracteriza as maneiras de viver o urbano. No espaço do hipercentro de Belo Horizonte, a diversidade dos atores, a multiplicidade de possibilidades, o encontro com o anônimo, a instabilidade do pertencimento ao território, o ritmo frenético das mudanças na paisagem - características da metrópole contemporânea – estão mais evidentes. A cidade aqui não é só texto a ser decifrado para que se possa enfrentar o cotidiano, ela é também ambiência que conforma e tensiona as relações que nela têm lugar.

No cotidiano, os homens enfrentam a cidade: perdem-se na multidão, no tráfego intenso, na balbúrdia dos ruídos dos automóveis, dos pregões, das canções populares, nas confusões de letreiros, avisos, anúncios e placas de sinalização. Orientar-se na cidade não quer dizer muito, já disse Benjamin, é preciso, no entanto, saber perder-se nela. Movendo-se, os homens realizam uma leitura do espaço urbano. Mesmo que não seja possível extrair uma síntese racional organizada, os passantes produzem cotidianamente sentidos acerca da cidade: uma geografia prática capaz de construir um conjunto de mapas instáveis, que fornecem pistas para a vida do dia-a-dia se realizar.

Entre escolhas afetivas e funcionais, existe um texto da cidade que os pés, os ouvidos, o nariz e os olhos vão construindo. No encontro com os outros, os mapas são compartilhados e vai-se construindo uma cidade que é a cidade da rua. Ela se produz não como uma síntese acabada, como os cartões-postais ou as definições administrativas, mas como movimentos de leitura e produção contínuos. O fluxo não se interrompe, pois a cidade não cessa de mudar e de mover. Nem no plano físico, o dos edifícios, que é mais estável, pode-se confiar. As formas urbanas são instáveis. Para Jeudy (2005) é Tóquio que fornece a imagem da cidade contemporânea que funciona como signo: a eventualidade de um terremoto ameaça permanentemente a estabilidade dos seus edifícios, ela tem a catástrofe natural como horizonte de sua representação. Tudo pode ruir a qualquer momento. Ali, a memória e o esquecimento são tensionados o tempo todo. O que não está visível ou o que foi destruído pode se sobrepor ao que está visível e acessível ao toque.

A cidade construída pelos atos de linguagem, ou melhor, a cidade em comunicação é feita de possibilidades de sentido, que se dão a ver nas atitudes das pessoas que fazem uso, freqüentam o seu espaço. Daí a pertinência de estudá-la como acontecimento da linguagem, em suas características instáveis, pois talvez isto possibilite conhecer aspectos relevantes de sua conformação enquanto espaço de vida e de experiência dos homens.

Para Jeudy:

Ao nos ensinar a viver a simultaneidade espacial e temporal a cidade oferece provavelmente a mais bela experiência da soberania estética, uma vez que ela jamais obtém sua identidade aparente dos efeitos do totalitarismo da representação. A proliferação de imagens de cidades permanece inesgotável por nunca se sujeitar a uma ordem semântica que lhe seria imposta por sentido prévio. Na aurora do século XXI, quando a gestão tecnocrática tenta infligir uma configuração cada mais racional a configuração arquitetônica urbana, assim como as modalidades de organização das atividades urbanas, nem por isso a apreensão intuitiva e sentimental das cidades desaparece. (JEUDY, 2005, p. 84)

Modos de ver e entender a cidade conformam modos de habitá-la e freqüentá-la que são dados pela multiplicidade de percepções que a experiência urbana proporciona. Abordar a cidade numa perspectiva comunicacional abre possibilidade de trabalhar com esta simultaneidade temporal e espacial em seus movimentos de expressão, relação e percepção, atuados pelos indivíduos que vivem nela.

Num certo sentido ela nos aproxima daquilo que Certeau aborda em *Invenção do Cotidiano*: um exercício, uma arte de experimentar a cidade através da qual se adquire um juízo prático, que depende tanto da imaginação como do entendimento. O autor fala de um sentido (senso) comum que reuniria uma liberdade (moral), uma criação (estética) e um ato (prática). O senso comum não divide a teoria e a prática, como se pensa normalmente, mas estaria presente numa arte de pensar necessária tanto às teorias e quanto às práticas cotidianas. Este juízo permite pensar as diversas formas de viver a simultaneidade temporal e espacial em jogo no espaço metropolitano.

O tempo comum metropolitano está tensionado pela velocidade dos deslocamentos e pela grandiosidade dos engarrafamentos, pela fluidez da memória e da circulação contínua de informação, pelas cristalizações dos

monumentos, pela substituição das cenas nas retinas de quem realiza seus percursos. O espaço comum transforma-se continuamente no tempo, forçado pelo ritmo incansável em que a cidade acontece. Local privilegiado de vida contemporânea, o espaço da cidade é formado por territórios instáveis que desafiam continuamente a arte de conhecer e viver a cidade.

Saber viver no tempo e no espaço da metrópole é uma arte de decifração e expressão. Através da experiência de se relacionar com as ruas e com os outros nas ruas, os homens pensam e vivem a cidade. Para Certeau, esta experiência situa-se no terreno das táticas, pois nas ruas regulamentadas e administradas não é permitido aos homens comuns a autonomia e domínio do lugar. Eles estão sempre submetidos às regras que são exteriores e independem da sua vontade ou necessidade imediatas. Segundo Certeau, a tática é a arte do fraco que se desenvolve no terreno do outro, “opera lance por lance, golpe por golpe, aproveita as ocasiões e delas depende sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.” (Certeau: 1994, 100)

A enunciação que nos interessa é fugidia que só pode ser captada num instantâneo. Ela não constrói monumentos e edificações sólidas, mas dança em sua superfície e por vezes seus vestígios em forma de resíduos ou de ações que se repetem podem ser capturados pelo olhar do pesquisador. O resultado é um texto-mosaico, formado de fragmentos que permitem não uma totalização, mas uma aproximação da escrita da cidade.

Referências Bibliográficas

ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público*. Campinas SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão única*. Obras Escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio Ferrara. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.

_____. *Cidade: Fixos e Fluxos*. Bauru, 2005. Texto apresentado no Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

RICOEUR, Paul. *Do texto a acção: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Res, [19-]. 407p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.